

### **Cenários para a Democratização**

Liem Soei Liong

Os indonésios votaram e das urnas saiu um país diferente. O Golkar foi ultrapassado pelo PDI-P de Megawati. Os partidos muçulmanos afirmam-se. Os militares enfrentam divisões internas. Uma nova era está prestes a começar.

No dia 7 de Junho de 1999 foram realizadas eleições na Indonésia, o quarto país mais populoso do mundo. Foram as primeiras eleições livres em 44 anos, e as segundas desde a independência da Indonésia em 1945. Um ano antes, em Maio de 1998, o ditador Suharto, que governou a Indonésia durante 33 anos, foi afastado na sequência de longas semanas de manifestações gigantescas nas ruas das principais cidades.

O general Suharto foi substituído por Habibie, que tinha sido vice-Presidente na legislatura anterior. Habibie foi uma solução de compromisso. Vivia-se um vazio político e os militares e a elite política acordaram em deixar Habibie dirigir o Governo transitório até à realização de eleições. A maioria dos movimentos pró-democracia ficaram profundamente decepcionados, porque Habibie era encarado como um obstáculo a futuras reformas políticas.

Um ano depois as eleições realizaram-se num ambiente de relativa paz e tranquilidade e foram acolhidas pelo eleitorado com grande entusiasmo. Pela primeira vez desde 1955, as pessoas puderam participar e votar livremente num sistema multi-partidário, em contraste com as eleições realizadas durante o período da Nova Ordem do general Suharto.

### **O sistema partidário antigo e o actual**

Suharto tinha praticamente destruído a vida política na Indonésia. Só três federações partidárias estavam autorizadas a participar nas eleições: o Golkar, o partido no poder; o PPP (Partido Unitário do Desenvolvimento), uma federação de quatro partidos muçulmanos; e o PDI (o Partido Democrático Indonésio), que representava os partidos nacionalistas e cristãos. O Golkar era também o partido das Forças Armadas e da burocracia. Na realidade, a Indonésia de Suharto adoptou um sistema uni-partidário. O PPP e o PDI tinham um efeito meramente decorativo nas eleições.

O sistema actual é fundamentalmente diferente. Mais de 100 partidos políticos emergiram, mas depois de um processo de selecção restaram 48 partidos, que preenchiam os requisitos para participar nas eleições. Dado o curto período de campanha e a falta de fundos, muitos partidos não tiveram capacidade de se dar a conhecer ao público.

Os três partidos que vinham do sistema anterior tinham vantagens substanciais e eram conhecidos entre os eleitores. O PDI surgiu nas eleições com um novo nome PDI-P (Perjuangan = Luta), para se distinguir do antigo PDI ligado às estruturas de Suharto. Vários novos partidos emergiram, nomeadamente um conjunto de novos partidos políticos de base muçulmana.

As eleições gerais determinavam tanto os assentos do parlamento nacional como das assembleias regionais. O sistema de representação proporcional foi aplicado, mas com diferenças para cada província. As áreas com menor densidade

populacional precisam de menos votos para conseguirem um assento no parlamento. Por exemplo, um assento na região densamente populada de Java Oriental representa 320.000 votos, enquanto na Papua Ocidental bastam 77.000 votos para eleger um deputado.

O parlamento (DPR) tem 500 lugares, mas só 462 são disputados pelos partidos, uma vez que 38 são automaticamente concedidos a membros das Forças Armadas (TNI) e à polícia (POLRI). Em Novembro, o Congresso do Povo (MPR) irá reunir para eleger o novo presidente. O MPR é constituído por 500 membros do DPR mais 200 representantes das regiões e de organizações. Espera-se que os partidos que obtiveram bons resultados nas eleições consigam mais assentos no MPR.

Vinte partidos conseguiram assento no novo parlamento, mas só nove conseguiram obter mais de seis assentos.

## **PDI-P**

O PDI-P de Megawati colheu os frutos da era pós-Suharto, pois foi considerado a vítima e o opositor do ditador indonésio. Megawati tem o apoio de vários estratos sociais. O apoio tradicional dos seguidores de Sukarno, o primeiro Presidente da Indonésia e pai de Megawati, assegurou-lhe uma maioria avantajada nas diferentes zonas de Java.

Antes dos trágicos eventos de 27 de Julho de 1996, quando as autoridades atacaram a sede do PDI, Megawati estava mais próxima dos movimentos pró-democracia. Mas no último ano, especialmente depois da queda de Suharto, o PDI-P foi-se aproximando das políticas dominantes e emergiu como um partido do status quo. Megawati rodeou-se de conselheiros conservadores, e alguns generais reformados fazem parte da direcção central do partido. No início de Agosto, Megawati apresentou-se oficialmente como candidata à presidência, mas mantém um discurso vago quanto aos assuntos mais prementes.

Ideologicamente o PDI-P é um partido nacionalista e emergiu como o único partido secular de alguma importância. Secular, no contexto indonésio, significa frequentemente não-muçulmano. O PDI-P conseguiu também muitos votos na parte leste da Indonésia, onde vivem muitos cristãos.

## **Golkar**

O Golkar transformou-se drasticamente. Na era de Suharto, representava o típico partido corporativista, similar aos partidos de ideologia fascista de Espanha e Portugal. Nas eleições, o Golkar conseguia automaticamente dois terços dos votos – as autoridades locais limitavam-se a receber dos seus superiores a indicação de qual seria a percentagem de votos do Golkar. O Golkar actual é bastante diferente. Os membros da KORPI – a organização oficial de funcionários públicos – agora são livres de escolher o partido em que votam. As Forças Armadas (TNI) também se distanciaram do Golkar.

Hoje poder-se-á dizer que o Golkar é um partido muçulmano com uma ala secular. Nos anos 90 foi dominado pelo ICMI, a organização dos intelectuais muçulmanos, presidida por Habibie. Fazia parte da nova estratégia de Suharto para incluir muçulmanos na camada superior da estrutura partidária. A presente liderança do Golkar ainda reflecte isto. Em várias províncias fora de Java o Golkar conseguiu bastantes votos porque a burocracia local praticamente não sofreu alterações, continuando no velho sistema de mecenato. Em Java, onde o cidadão médio vê o Golkar como o veículo político do antigo regime, o partido teve uma votação reduzida. Embora Habibie seja o candidato presidencial oficial do Golkar, há várias alas do partido que não o apoiam.

## **Islão politizado**

A Indonésia tem a maior população muçulmana do mundo e isto também se expressa na política. Pelo menos 19 dos partidos políticos que participaram nas eleições podem ser vistos como partidos com um eleitorado muçulmano. Algumas das maiores forças políticas, como o PKB e o PAN, são partidos muçulmanos “inclusivos”, ou seja, apresentam-se ao público como partidos abertos. Os outros partidos, exclusivamente muçulmanos, apresentam-se ao público como tendo uma identidade muçulmana clara, expressa no nome, símbolo ou programa partidário.

O maior partido exclusivista é o PPP, que atraiu votos de várias regiões da Indonésia e das duas alas de muçulmanos indonésios: Muhammadiyah e Nahdlatul Ulama (NU), as alas modernista e tradicionalista. O PKB conseguiu muitos votos dos apoiantes do NU e tornou-se o segundo maior partido de Java, depois do PDI-P. O PKB é uma criação de Abdurrahman Wahid, um dos maiores líderes muçulmanos.

O PAN é outro partido recente, criado pelo ex-secretário geral da Muhammadiyah, Amien Rais. Esta formação atraiu mais votos nas grandes cidades, tendo conseguido pouco apoio nas zonas rurais.

## **TNI/ POLRI**

Embora os militares não tenham participado nas eleições, continuam a funcionar como uma das principais forças políticas. A deposição de Suharto teve consequências profundas nas TNI e criou muitas disputas hierárquicas. Aos olhos do público, as TNI representam uma força maléfica que é a causa de muitos problemas na Indonésia e que cultiva a violência. Muitos conflitos étnicos e religiosos têm assolado o país desde Maio de 1998.

Enquanto alguns generais tentam construir um novo, e mais moderado, papel político para as TNI, a maioria dos oficiais insiste em manter o papel político dominante que tinham durante a Nova Ordem de Suharto. Estes resistentes, predominantemente do Kopassus – os comandos especiais do Exército – estão seriamente a considerar um golpe de Estado contra os oficiais reformistas. Nos próximos meses, até se formar o novo Governo, espera-se que a rivalidade nos lugares de topo aumente ainda mais.

Já ocorreram algumas reformas significativas. Desde Abril que a Força Policial está separada das TNI. Outra medida importante foi a redução de membros das Forças Armadas em postos civis. Em 2004 as TNI não terão assentos concedidos pela legislatura. Todavia, aos olhos do público estas reformas continuam a ser insuficientes. A contradição entre, por um lado, a sociedade civil emergente e, por outro as TNI, especialmente durante a crise de Timor, transformou-se em center-stage na política indonésia.